

Qual é a dúvida?



O que existe: ressurreição ou reencarnação?

Nosso Leitor, Renato Luiz, de Santos, faz a pergunta que dá título a este artigo. Inicialmente, desejei a você e a todos os leitores uma Feliz Páscoa da RESSURREIÇÃO! Seja o Cristo RESUSCITADO o penhor de um novo tempo.

O centro de nossa fé está na ressurreição de Jesus que garante a nossa própria ressurreição. Ressuscitar é passar à vida eterna, sem perder a identidade, isto é, sem deixar de ser a gente mesmo. Já a reencarnação fala que as pessoas vão deixando de ser elas mesmas, para viver em outra pessoa. Nega a ressurreição e a vida eterna. Quem segue a reencarnação não é cristão, não crê em Jesus Cristo, nem que Ele ressuscitou e garantiu nossa ressurreição.

Muitos que pregam a reencarnação, embora até falem de Jesus Cristo, negam ensinamentos cristãos, como a ressurreição. Os Evangelhos são claros em mostrar que Jesus veio para libertar o ser humano do mal, do pecado e da morte! Jesus venceu a morte pela ressurreição! E garantiu que quem crê nele e o segue, também vai

ressuscitar, isto é, vai estar com Ele definitivamente, transformado, vivo. E isso sem deixar de ser a própria pessoa.

Todo o cristianismo está centrado na pessoa de Jesus Ressuscitado. Negar isso é negar a fé cristã. A reencarnação é humilhante: a gente viver no outro ou os outros viverem na gente até alcançar a purificação. Essa teoria nega a identidade, a responsabilidade de cada um. O autor da Carta aos Hebreus nos diz: "Está decretado que o homem morra uma só vez e depois disso haverá o juízo (Hb 9,27). Jesus também foi categórico ao dizer ao Bom Ladrão, no alto da cruz: "Hoje mesmo estarás comigo no paraíso: (Lc 23,39-43).

Nós rezamos: creio na Ressurreição e na vida eterna. E isso nos anima a viver na fé e no amor fraterno. Por isso afirmamos: "Jesus Cristo Ressuscitou! Nós, com ele, também ressuscitaremos".

Pe. Caetano Rizzi
Pároco da Paróquia
Jesus Crucificado e
Vigário Judicial

Reflexão

Os Estatutos dos Povos Indígenas

No Brasil existe uma lei específica para os povos indígenas, a Lei n. 6.001, de 19 de dezembro de 1973, chamada de "Estatuto do Índio". Este estatuto baseia-se no que dizia a Constituição da época (Emenda Constitucional de 1969), ou seja, que o Estado Brasileiro devia "incorporar os índios à comunidade nacional". Por causa disso, o seu principal objetivo é "integrar" os índios à sociedade brasileira.

Com a vitória do movimento indígena nas propostas para a Constituição Federal de 1988, este objetivo de "incorporação" dos índios deixou de existir. Em seu lugar, o Estado brasileiro deve reconhecer "aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições". Ou seja, os índios têm o direito de viver de acordo com seus próprios costumes, sem a necessidade do Estado tentar integrá-los e forçarem a abandonar os seus costumes e tradições.

Assim, neste Estatuto de 1973, tudo que se refere a "integração" ou "incorporação" foi derogado tacitamente² pela Constituição de 88, mas, mesmo assim, a norma continua vigendo. Como a Lei 6.001 ficou sem sentido e contrário à Constituição, precisava ser substituída por uma lei nova, capaz de dizer como deveria ser feito o respeito e a proteção dos bens indígenas.

Nos anos de 1991 e 1992, três projetos de lei foram apresentados à Câmara

dos Deputados, com o objetivo de gerar um Estatuto que substituísse o de 1973. Estes projetos foram: **PL n. 2057/91** ("Estatuto das Sociedades Indígenas"), elaborado pelo Núcleo de Direitos Indígenas e apresentado pelo Deputado Aloísio Mercadante; **PL n. 2160/91** ("Estatuto do Índio"), elaborado pelo Poder Executivo e apresentado pela Mensagem n. 598-A/91; **PL n. 2619/92** ("Estatuto dos Povos Indígenas"), elaborado pelo Cimi e apresentado pelo Deputado Tuga Angerami.

Iniciando a tramitação destes projetos de lei, o Presidente da Câmara resolveu, no final de 1992 constituir uma Comissão Especial, para analisar estas proposições. Não havendo a necessidade de que as proposições tramitassem nas comissões permanentes da Câmara.

As propostas foram estudadas e debatidas, por mais de 350 lideranças, representativas de 101 povos e 55 organizações indígenas no *Encontro de Povos e Organizações Indígenas do Brasil*, em abril de 1992, em Luziânia-GO. Os resultados deste estudo foram colocados num documento e entregue pelo movimento indígena à Comissão Especial.

(Continua na próxima edição)

Cláudio Luiz Beirão
Assessor Jurídico do CIMI

Entrevista/ Ir. Eliene Brito Corrêa, IMJC

SOPRO DE ESPERANÇA

Aos 24 anos de idade, ainda postulante à vida religiosa, Ir. Eliene Brito Corrêa, deixou o Brasil para ser missionária em Angola, na África.

Mais do que enfrentar um mundo novo, desconhecido, a jovem missionária das Irmãs de Jesus Crucificado, iria enfrentar um mundo destruído pela guerra civil, em que milhares de vidas já foram perdidas nos últimos 38 anos. Depois de dez anos, Ir. Eliene voltou ao Brasil para descansar e fazer uma atualização pessoal e pastoral. De férias em Santos, falou ao **Presença Diocesana**.

Por que ir para a África?

Primeiro fui para fazer companhia à única postulante que a Congregação tinha na África. E lá acabei fazendo toda minha formação. Depois, eu já estava tão integrada àquele povo que sentia que meu lugar era lá. Não que eu vá ficar lá para sempre, pois eu sou uma missionária e onde precisarem de mim estou disposta a ir. Mas, por enquanto, sinto que ainda tenho uma missão naquela terra.

Tem poucas vocações religiosas locais?

Em 25 anos que a Congregação tem casa em Angola, temos apenas seis religiosas, sendo duas angolanas. A questão cultural é determinante nesse processo, porque para a família africana, o casamento, ter filhos é um dado essencial. A identidade de-

les está nos laços familiares. Tanto é que, quem decide a vida do filho, não é o pai ou a mãe, é o tio por parte de mãe. E só se não houver nenhum parente nessa linha - sobrinho, primo etc -, é que os pais assumem a tutela dos filhos. Então, não é fácil para os jovens pensar em abandonar família para se dedicarem à vida religiosa.

Qual o seu trabalho em Angola?

Nos primeiros sete anos fiquei em Luanda, capital de Angola. Depois fui para uma pequena cidade chamada Malange. Além do trabalho pastoral - catequese, liturgia, sacramentos - particularmente, faço um trabalho com um grupo de cerca de 80 mulheres: alfabetização, profissionalização, formação humana e agora as mulheres começaram vários grupos de dança. Esse é um trabalho muito bonito, porque elas estão resgatando músicas, histórias e danças típicas de suas culturas. Além disso é uma forma de conscientização porque de outra forma não é possível reuni-las.

O que é mais difícil?

Onde estou é um lugar muito pobre, que vive basicamente de ajuda internacional da Cáritas, de algumas ONG's e da agricultura de subsistência. O problema é que Angola, literalmente, é um campo minado. Para os agricultores, é uma armadilha, pois eles não sabem onde estão



Ir. Eliene (à esq.) numa aldeia em Angola: perseverança

as minas. Então, pouco se planta. Nessa situação de guerra, à pobreza se alia uma outra tragédia: a falta de esperança. Porque você não sabe se vai estar vivo no momento seguinte. A qualquer momento você pode estar no meio de um tiroteio.

Vocês já sofreram perseguições ou atentados?

Não. Existe um respeito grande pelas igrejas e pelas ONG's. Já houve época em que havia uma perseguição explícita. Só que não dá para fazer um trabalho aberto de conscientização, de denúncia. Isso não é possível. Mas nossa casa fica entre dois quartéis. Estamos na linha de fogo.

Qual a grande lição dessa experiência?

O sentido da vida. Apesar da guerra, o povo angolano é alegre, acolhedor e ainda não desistiu de acreditar num futuro de paz, na sua reconstrução. O trabalho com mulheres tem me mostrado que elas estão buscando sua ressurreição. E é nisso que aposto: que a paz vai voltar para Angola e que o povo ainda vai ser muito feliz.

O preço da vida

Angola é um país rico em petróleo, minérios e terras férteis. E o principal motivo da guerra civil do país hoje é este: dinheiro. O conflito vem desde a época em que o país ficou independente de Portugal, em 1975. O MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola) tinha o apoio soviético. A Frente Nacional para a Libertação de Angola (FNLA) recebia ajuda da CIA (agência de inteligência americana). A União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita) teve o apoio inicial da China comunista, do regime racista da África do Sul e depois dos EUA. Em 1994, o MPLA e a Unita assinaram um acordo de paz, mas a guerra recomeçou em 1998.

O governo gera bilhões de dólares com petróleo, mas ainda conta com a assistência internacional para alimentar a maior parte da população de 12,5 milhões de habitantes, dos quais 1,3 milhão são refugiados.

Palavra viva

Liturgia - Abril

DIA	01	02	03	04	05	06	7 - Dom	8	9	10	11	12	13	14 - Dom	15	16	17	18	19	20	21 - Dom	22	23	24	25	26	27	28 - Dom	29	30
	Mt 28,8-15	Jo 20,11-18	Lc 24,13-35	Lc 24,35-48	Jo 21,1-14	Mc 16,9-15	At 2,42-47 I Pr 1,3-9 Jo 20,19-31	Jo 1, 26-38	Jo 3,7-15	Jo 3,16-21	Jo 3,31-36	Jo 6,1-15	Jo 6,16-21	At 2,14.22-33 I Pd 1, 17-21 Lc 24,13-35	Jo 6,22-29	Jo 6, 30-35	Jo 6,35-40	Jo 6,44-51	Jo 6,52-59	Jo 6,60-69	At 2,14.36-41 IPd 2,20-25 Jo 10,1-10	Jo 10,11-18	Jo 10,22-30	Jo 12,44-50	Mc 16,15-20	Jo 14,1-6	Jo 14,7-14	At 6,1-7 IPd 2,4-9 Jo 14,1-12	Jo 14,21-26	Jo 14,27-31

Intenção do mês

Geral: Para que as famílias sejam escolas de fé, de valores humanos e, acima de tudo, o berço sagrado da vida, num mundo em constante transformação.

Dia 07 - Dia da Saúde
Dia 08 - Anunciação do Senhor
Dia 19 - Dia dos povos indígenas
Dia 21: Dia Mundial de oração pelas vocações

Fonte: Liturgia Diária, Ano XI, N. 124, Abril de 2002, Paulus Editora - SP

Estudo bíblico

Os textos originais da Bíblia

No mês passado, falamos sobre a precária situação editorial da Bíblia. Desse modo, os estudiosos descobriram que os textos originais das Sagradas Escrituras, infelizmente se perderam ao longo do tempo.

Tanto os papíros como os pergaminhos são materiais muito frágeis, deterioram-se logo. Alguns materiais antigos, achados no Egito e na região de Qumram (em 1948), que corresponde ao deserto árido de Judá e suas cavernas, também não são os originais.

Cópias

Ora, por causa do uso, muitos rolos e códices se estragaram. Sendo assim, era urgente fazer cópias ou transcrições o mais rápido possível.

Esse procedimento gerou muitos erros (naqueles tempos não existiam máquinas copiadoras), especialmente quando eram feitas cópias de cópias. É por isso que não possuímos o original de nenhum texto bíblico.

Na verdade, o que temos são *testemunhas* dos



textos bíblicos, isto é, exemplares que chegaram até os dias de hoje através de correções, modificações e revisões gerais.

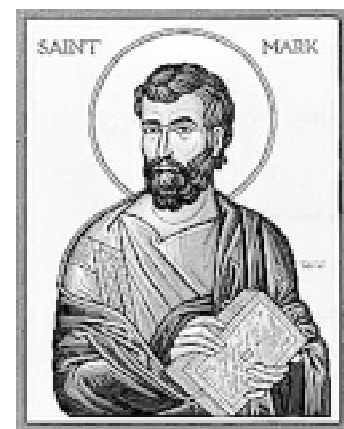
Crítica

Quando alguém vai estudar a fundo uma passagem da Bíblia deve fazer o que chamamos de *crítica textual*, ou seja, reconstruir um texto aproximando-o quanto mais possível do original.

Mas cuidado!: tudo o que falamos não significa que os textos que temos em nossas bíblias não sejam mercedores de credibilidade ou confiança. Ao contrário, todo o empenho por conservar essas palavras, ao longo dos séculos, indicam o quão preciosas são para toda a humanidade, pois é o próprio Deus quem se revela no texto sagrado.

Pe. Carlos de Miranda Alves
Pároco da Paróquia Nossa Senhora Aparecida-Santos e Chanceler do Bispado

Nossos Santos



SÃO MARCOS

O Evangelista São Marcos, hebreu de origem, nasceu fora da Palestina, em uma família abastada. São Pedro que o chama de "meu filho", o teve certamente consigo em suas viagens a Roma, onde provavelmente escreveu o Evangelho. São Marcos não escutou nem seguiu a Jesus, mas copiou tudo o que ouviu de São Pedro.

Além da convivência com São Pedro, Marcos também conviveu longamente com São Paulo, a partir do ano de 44 d.C. Em 66, Paulo, escrevendo da prisão romana a Timóteo, nos dá a última informação sobre esse evangelista: "Traga Marcos com você. Posso necessitar de seus serviços". Os *Atos de Marcos*, escrito na metade do século IV, referem que Marcos, no dia 24 de abril foi arrastado pelos pagãos pelas ruas de Alexandria, amarrado com cordas no pescoço. No dia seguinte, faleceu.

nita
FARINHA DE TRIGO
ESPECIAL

moinho paulista ltda.

TEL.: (13) 3233-1134